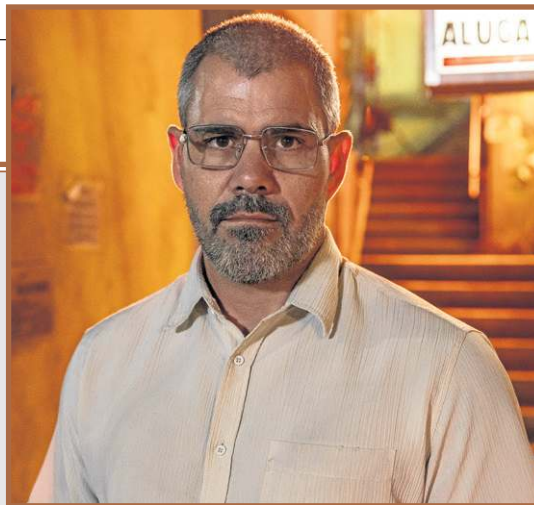




Como Jorginho, um ex-bandido convertido pela fé



Em cena com Grazi Massafera em *O outro lado do paraíso*



Com Leandro Lima, como Alcides no remake de *Pantanal*, um grande sucesso da tevê brasileira



Juliano se tornou protagonista em sua terceira novela, *Amor à vida* (com Paolla Oliveira)

Presente no elenco de produções de sucesso como *O outro lado do paraíso* (2017), *Amor de mãe* (2019) e *Pantanal* (2022), o ator acredita que essa perspectiva ainda é rara nas novelas brasileiras. “Nossas novelas nasceram em um contexto de ceticismo em relação ao religioso. Mostrar um personagem em busca desse céu foi novo e enriquecedor”, defende o católico praticante, reconhecendo que sua própria fé atravessou o trabalho. “Muitas vezes, eu conhecia a terminologia, a palavra certa. Na cena da Parábola do Filho Pródigo, por exemplo, isso vem das minhas vivências”, conta.

Masculinidade possível

O personagem foi construído também a partir da experiência pessoal do ator. “Eu tinha repertório de vida para usar”, resume. Para ele, Jorginho representa um modelo possível de masculinidade contemporânea. “É um homem forte, que defende a família, mas que dobra os joelhos diante de Deus. É importante que uma criança veja o pai reconhecer que existe algo maior”, defende o libriano.

Essa força não exclui a sensibilidade. Pelo contrário: “O Jorginho se emociona. Quando a filha o perdoa, quando a Gerluche reconhece o esforço dele, até quando come um pedaço de bolo da Lígia (Dira Paes)”. Na visão do ator, essa capacidade de sentir é essencial. “O homem precisa se emocionar com o belo e com a tragédia. Mas manter força interior para lutar pelo que é certo, bom, belo e verdadeiro”, pontua Cazarré, que acumula prêmios na carreira, como o de Melhor Ator no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro pelo filme *Boi Neon*, em 2017.

Pai na vida real, Juliano levou essa vivência diretamente para a tela. “Ser pai me inspira muito. É um repertório que vem de dentro”, admite ele, que tem com a esposa, Letícia, seis filhos. Ele cita, por exemplo, a cena em que leva Joélly à escola. “Quando digo: ‘Minha filha vai entrar e vai estudar’, imagino como seria proteger meu filho de qualquer coisa, até do bullying.” Da mesma forma, o desespero do personagem diante do desaparecimento da filha nasce da experiência real: “Quem é pai sente tudo isso com muita intensidade”.

Fora dos estúdios, a rotina é um exercício permanente de equilíbrio. Em casa, ele participa ativamente da rotina: leva os filhos à escola, ajuda no café, tenta ir à missa, reza no caminho para o trabalho, volta correndo para contar histórias à noite. “Vamos equilibrando os pratinhos”, diz, com simplicidade. A fé, embora central, nunca foi, segundo ele, um obstáculo direto na carreira, mas já provocou ruídos. “No início, pensei: será que preciso falar disso? Depois entendi que precisava ser sincero”, relembra.

Um episódio marcou essa percepção: uma produtora afirmou que ele parecia “muito crente” para determinado projeto. Juliano encarou como parte do processo. “Tenho confiança de que Deus cuida da minha

carreira”, garante. E cita o personagem como prova: “Jorginho foi um presente que chegou pelas mãos do autor Aguinaldo Silva e do diretor Luiz Henrique Rios, mas tenho certeza de que foi Deus quem me confiou”.

Legado, justiça e preconceito

Ao falar de legado, Juliano é direto: “O mais importante é o exemplo de um homem honrado”. Para ele, honra se constrói no cotidiano: na honestidade, no respeito e no cuidado com a família. “Cada pai faz isso à sua maneira, mas precisa ser feito de forma correta”, aponta. Sobre perdão e justiça, o ator mantém uma visão equilibrada. “Todos somos pecadores. Deus perdoa, mas isso não exclui a justiça dos homens”, afirma. Ele critica a

impunidade no país e defende penas cumpridas integralmente. “Torço para que o criminoso se converta”, diz, “mas isso não significa que deva ser solto antes.”

Juliano também reflete sobre o preconceito contra cristãos no meio cultural. “Existe uma ideia de que somos caretas. É um preconceito ridículo. O cristão é uma pessoa normal, que ri, brinca, trabalha, erra, tenta acertar”, observa. Para ele, Jorginho ajudou a desmontar esse estereótipo. E, em tempos de ansiedade crônica, hiperconexão e esgotamento emocional, enxerga uma busca crescente por sentido. “As promessas da pós-modernidade se mostraram vazias. Vivemos em um mundo viciado em celular, pornografia, remédios”, avalia. Diante desse cenário, ele percebe uma reaproximação da espiritualidade. “Muita gente está buscando outras respostas. E muitas acabam encontrando o caminho da conversão”, conclui.